

QUEM É, COMO VIVE E O QUE PENSA

# JOSÉ CARDOSO PIRES

AUTOR DE «OS CAMINHEIROS» E «HISTÓRIAS DE AMOR»

«Nasci numa aldeia da Beira Baixa mas tenho vivido aqui — sou praticamente lisboeta. Meu pai era filho de um enjeitado e aprendeu as primeiras letras carregando paveias de mató e transportando o correio da vila para a aldeia. Mais tarde foi ganhão nas «Invernadas», um «ratinho» que todos os anos trabalhava no Alentejo. Apesar disso, veio para Lisboa e conseguiu entrar na Marinha onde chegou a atingir patentes de oficial.

A minha mãe é filha de pequenos lavradores. Provinciana deslocada nos ambientes citadinos, ela é um dos milhares de casos que existem na nossa capital de pessoas saudosas dum meio antigo, aferradas a tradições camponesas, e suspeitosas do ambiente em que, ao fim, vem a passar a maior parte da vida.

Frequentei a Faculdade de Ciências de Lisboa mas, por razões especiais, decidi abandonar o curso logo de início.

Após um período de dificuldades, procurei orientar a minha vida de modo a poder dedicar a maior parte do tempo às letras.

Hoje, findo o trabalho diário numa revista, fico com grande parte do tempo livre para escrever. Entretanto, gastei a minha actividade em sucessivos empregos — angariador de publicidade, agente de vendas, apontador de cais, praticante de piloto da Marinha Mercante, funcionário público, empregado de comércio, intérprete, funcionário duma companhia de aviação, depois de uma casa editora e, finalmente, a redacção onde ainda hoje trabalho.»



Enquanto Cardoso Pires enche, com estas linhas, o papel que lhe puz em frente, vou analisando as suas feições. Talha-

das para a troca, num misto de ironia e de sarcasmo, elas atingem, porém, expressões vinadamente sérias e por vezes magoadas.

Os seus traços fisionómicos compõem-se, inesperadamente, numa ofensiva de indiferença, dura, onde, não raro, perpassa um tom de crueldade, logo abafado por um cansaço de si

mesmo. Um sopro de rebeldia desmancha-lhe o cabelo, descaí-lhe os cantos da boca e alastra-se pela indumentária.

As suas atitudes vão do ostensivo da força, a «um encerrar-se em si mesmo» que lhe encurva as costas e semi-cerra os olhos, como que num desejo de se esconder ou de esconder-se de si próprio.

Entretanto os olhos brilham numa inteligência analítica e as nua manifestações de um espírito desconfiado espalham pensamento por todo o corpo e em todos os movimentos.

Agora que acabou de escrever os rápidos apontamentos que lhe pedi, a entrevista começa naturalmente.

— Sabe que o tenho estado a escarpelar?

— Ah, sim? — não dei por isso. E tem o bisturi bem afiado?

— Receio que não. Eu próprio não tenho a mão muito segura.

A conversa foi-me aliciando todas as atenções, e só quando o Moreira disparou a objectiva me lembrei da necessidade de tomar algumas notas. Falávamos nessa altura na possibilidade de viver profissionalmente das letras, em Portugal.

Cardoso Pires observa:

— Enquanto se não fizer uma propaganda da cultura portuguesa, os nossos escritores não poderão ter a profissionalização em escala que lhes permita um rendimento concreto de trabalho. Mas, apesar de tudo, temos livros portugueses que podem ombrear com obras de estrangeiros de 1.ª categoria.

Referindo-se em particular ao conto, cita-nos, como criadores de peças literárias que figurariam na mais exigente das antologias universais, os nomes de Manuel da Fonseca, Branquinho da Fonseca, Domingos Monteiro e Torga.

ATA • Telefone 5 7248

— *E José Marmelo e Silva, que agora estou relendo?! Estes nomes, colhidos de memória, chegam para que nem tudo sirva de desculpa a um estádio inferior do conto moderno português.*

Achava eu que bastava dizer que não se vendiam os originais portugueses? ou que eles não prestavam? Compram-se os direitos autorais estrangeiros, desprezam-se os originais portugueses...

— *E pronto. Fica-se na posição de certo actor (que deixei de admirar quando vi, no «écran», a representar figuras tristes) quando afirma que o teatro está uma calamidade e, portanto, não há nada a fazer... senão apanhar todos os papéis que o empresário ordenar — revistas de Parque Mayer, pelos vistos...*

Cardoso Pires anima-se e a sua voz interrompe por momentos as conversas nas duas mesas mais próximas da nossa. Eu já disse que estávamos sentados, na cave do Martinho? — já?

— *A meu ver isto é mais do que transigência com o público, é ofensa — desprezá-lo nas suas possibilidades. Assim, instalado comodamente, com um sorriso desdenhoso pela própria comodidade, o escritor que desce a redigir livros negros ou rosados, ou o actor que apregoa no palco bagatelas que em consciência sente falsas, goza de uma dupla imunidade: contra a fome e contra a crítica séria.*

*Na literatura, o preconceito de poupar esforços ao leitor é, no fundo, um pouco disto.*

**Neste meu livro é possível que tenha ido longe demais neste escrúpulo. Sacrificando talvez a leitura a uma vontade de suggestionar (pois de emoção é feita também a literatura) tive em vistas que se desse o caso de ser somente o escritor a ir ao encontro do leitor, mas levando o leitor a andar por seu lado, um pouco, para admitir a narrativa que lhe é apresentada.**

*De resto, é o que se passa, e sempre se passou, na pintura, por exemplo. Um Cranach, tão perceptível à primeira vista, é hoje mais do público intelectual do que os modernos Pignon ou Gattuso.*

aborrecido com o carácter demasiadamente «cerrado» da entrevista, mudo o rumo à conversa. Mas, céus! que «sério» é este homem! caímos nas influências da literatura americana na europeia e no carácter nacional da literatura.

Cardoso Pires diz que, quase sempre, encolhe os ombros à chamada «busca de influências», tão do gosto da crítica. Sim, acha que a literatura americana influenciou — é certo! — a europeia. Mas qual literatura? — pergunta.

— Repare neste exemplo escolho dum só autor norte-americano: o sempre apregoado Inbeck. A sua obra foi propositivamente a grande número de escritores, quando se fala, suamos, de «Of Mice and Men». Mas se falamos de «Burg Bright», fácil é ver que se trata do caso inverso.

De resto, não há aspectos técnicos a desprezar, sempre que vamos a uma realidade nacional autêntica. E só afastados os preconceitos estilísticos se pode encontrar uma realidade nacional que já de si não é imune a costumes e a influências estranhas.

**Só assim se poderá chegar ao universal, partindo do nacional — e não procurando atingir um sentido universal pelo cosmopolitismo dos assuntos.**

Entre as observações que me foram feitas sobre «Histórias de Amor», houve uma que me parece vir a propósito citar.

Tratava-se de registar uma nota alternativa, que nas «histórias» era patente, entre palavras e termos tipicamente lisboetas e termos e personagens evidentemente provincianos.

Observei que isso não retirava de modo algum o clima lisboeta do livro. Mais: chamei a atenção para o facto de que, sendo Lisboa de extracção provinciana, não houve choque das gerações e não houve dois tipos de personagens: o carácter citadino delas não lhe chor se afirmaria.

A conversa continuou pela rua de fora. E ao fim, impressionado eu com a quantidade de livros que tinha a escrever, impressionado o criado pela conta a pagar, e impressionada a peliça do nosso fotógrafo, despedi-me do meu entrevistado, o assunto das tão discutidas «Histórias de Amor».

CUNHA VIANA